

Universidade de Aveiro

Departamento de Línguas e Culturas – Mestrado LLC – Estudos  
Portugueses

A Questão da Identidade na Cultura Portuguesa

**O Sebastianismo: uma Leitura do Outro no Discurso Identitário Pós-  
Moderno**

Docente – Prof. Doutora Maria Manuel Baptista

Lídia Maria Caiado Batista Valadares – 52512

Janeiro de 2011

## Índice

### Introdução

- 1- O Outro na Pós-Modernidade
- 2- O mito do Sebastianismo: gênese
- 3- “Frei Luís de Sousa” : representação endógena do mito sebastianista culturalmente estabilizada
- 4- “Dez Mil Guitarras”: uma visão exógena – um discurso pós-moderno
- 5- “Frei Luís de Sousa” e “Dez Mil Guitarras”: convergências e divergências na representação do Outro
- 6- Uma leitura do Outro no discurso identitário pós-moderno

### Bibliografia

## Introdução

### Qual o papel do Outro (árabe) no mito sebastianista?

Esta foi a questão que esteve na origem deste trabalho, cujo tema nos pareceu de particular relevância na cultura portuguesa e, portanto, merecedor de um estudo.

Na era da globalização em que se regista uma tensão entre a homogeneização e a diferenciação, afigura-se-nos pertinente uma reflexão sobre a questão da identidade na cultura portuguesa e o multiculturalismo, tornando-se urgente pensar o Outro no contexto da actual mundialização.

Para tentar dar resposta à pergunta que orienta o nosso trabalho, procuraremos, em primeiro lugar, compreender a importância do Outro na presente sociedade caracterizada pela multiculturalidade em que a globalização origina uma indelével pressão entre unidade e multiplicidade de identidades.

Seguidamente, revisitaremos um dos mitos mais enraizados na cultura portuguesa – o Sebastianismo. Procederemos a uma abordagem da sua génese e dedicar-nos-emos à análise comparativa de duas obras: uma representativa de uma visão endógena do mito culturalmente estabilizada – “Frei Luís de Sousa”, de Almeida Garrett - e outra, representativa de uma visão externa – “Dez Mil Guitarras” de Catherine Clément,, procurando descobrir as convergências e divergências existentes.

Finalmente, procuraremos averiguar qual o papel do Outro no mito sebástico, no discurso identitário pós-moderno.

### 1- O Outro na Pós-Modernidade

O fenómeno da globalização que envolve o mundo actual exige uma postura reflexiva relativamente à questão da cultura nas sociedades contemporâneas. A globalização conduzirá inevitavelmente à uniformização ou, como contra-resposta, à emergência de nacionalismos vinculadores da diversidade cultural? Estaremos votados a uma irresistível universalidade abstracta, sem sujeito próprio, ou a um “tribalismo” reactivo por oposição à ausência das fronteiras, à instalação de um espaço nebuloso desenhado pela mundialização? (cf. Lourenço, 2007: 26 – 29)

A hegemonia do global instala-se através da técnica, da linguagem tecnológica, da massificação dos *media*, da industrialização. Contudo, “é precisamente contra esta tendência para a homogeneização que o termo “identidade cultural” (ou “identidades culturais”) pode ter uma decisiva importância” (Baptista, 2010), assumindo particular relevância o diálogo e a comunicação entre as diversas culturas, no contexto de um inevitável multiculturalismo.

“O que o consumo planetário unifica, dos *jeans* aos *macdonalds*, o cultural *não universal*, o mais incomunicável separa, para ser consumido, em sentido preciso, em *família*. O sangue desta comunicação não é outro senão a *língua*.” (Lourenço, 2007:27)

Apesar de um visível jogo de pressões entre a uniformidade e a diferenciação, tanto a noção de “interculturalismo” como a de “identidade cultural” encontram, no processo de globalização, viabilidade de reconstrução (cf. Baptista, 2010)

Nesta senda e tendo em conta o propósito do nosso trabalho: procurar compreender o papel do Outro no mito sebástico, parece-nos crucial uma reflexão sobre o Outro, na actual sociedade caracterizada pela multiculturalidade em que a globalização origina a tensão entre a unidade e a multiplicidade de identidades. Como afirma Baptista, “Pensar a questão do Outro no contexto da actual globalização e dos fenómenos de nacionalismo que a têm acompanhado torna-se ultimamente uma quase urgência.” (Baptista, 2003: 213)

Importa considerar que o discurso identitário sobre mim inclui sempre o olhar do Outro, portanto é preciso pensá-lo, olhá-lo na sua diferença, compreender o seu sentido existencial e ético e entendê-lo como o Mesmo em dignidade e condição. Interessa, também, compreender que o Outro nunca é uma realidade puramente exterior, pois emana da nossa memória cultural. Compreender o Outro exige que compreendamos o mundo próprio, o sentido e as potencialidades da nossa língua e das nossas próprias instituições culturais e que desistamos de olhar o Outro como objecto. Com Baptista, somos de opinião que a compreensão do Outro passa por uma postura analógica à da apreciação das obras de arte, o “que pode, eventualmente, constituir um modelo ou paradigma que inspire a nossa relação com o Outro...” (Baptista, 2006: 242). Para o compreendermos, julgamos imprescindível uma hermenêutica orientada pela ética e pela estética. Para isso, apresenta-se indispensável um processo de construção/reconstrução da nossa própria memória cultural, visto que a abordagem do Outro só é possível através dela.

Nesta época de globalização, não devemos ignorar que cada Eu é sempre um Outro para alguém. “Neste sentido parece-nos que uma das vias privilegiadas para aceder ao Outro é a arte, e nela primeiramente a literatura, a qual permite um uso elaboradíssimo e não primeiramente referencial da linguagem, bem como uma (re)criação permanente e simbólica da nossa memória cultural.” (Baptista, 2006: 242)

É na esteira do que foi dito que vamos procurar compreender o Outro (árabe/Marrocos), através de uma abordagem integradora do conhecimento do Eu e da visão do Outro (Francês), convictos de que um discurso sobre o Outro implica “vermo-nos, descrevermo-nos e compreendermo-nos no espelho do Outro, no espelho que o Outro constitui em nós.” (Baptista, 2006: 243). Esta mesma ideia está presente em Lourenço, quando defende que “A Europa tornada outra aos olhos dos não-europeus permitiu ver-se, no espelho desses outros, os únicos que nos podem identificar de fora...” (Lourenço, 2001: 235)

## 2- O Mito do Sebastianismo: gênese

Dada a importância que a questão da identidade cultural assume para o trabalho de que nos vamos ocupar e visando a reconstrução da nossa memória cultural, revisitaremos um dos mitos mais arraigados à cultura portuguesa, o Sebastianismo, certos de que visitar o mito é refrescar a memória de quem somos, isto é, estimular a nossa identidade cultural.

Na base do mito sebastiano, está a figura do rei D. Sebastião, que desapareceu em Alcácer-Quibir, a 4 de Agosto de 1578, numa batalha contra os mouros. D. Sebastião era filho do Príncipe D. João e de D. Joana de Áustria, filha do Imperador Carlos V. Quando nasceu, em 1554, o pai já tinha morrido, o que tornou o seu nascimento tão ansiado que foi denominado “O Desejado”. É um dos reis portugueses mais polarizador do interesse e mobilizador da escrita, devido ao nascimento tão almejado, à sua vida efémera, à sua obsessão por África e ao seu desaparecimento obscuro e trágico. (cf. Serrão, 1975: 508 – 509). De acordo com Botelho (2001), era inquieto, nervoso, louco e tinha horror a mulheres e, segundo Louro (2008: 201 – 202), era considerado homossexual. Esta repugnância pelas mulheres era atribuída por cronistas coevos a uma enfermidade de infância (cf. Peres, 1933: 55 – 56). “Enfermo no corpo e no espírito, importava-se pouco com o ofício da governação, perdido antes em sonhos de conquista e de expansão da fé. Conquistar Marrocos era a sua ambição número um.” (Marques, 1973: 421).

Contentas existentes entre príncipes mouros favoreceram os desígnios de D. Sebastião. Mulei Mohamede, destronado pelo seu tio Abde Almelique (Mulei Maluco), que se julgava com direito ao trono, pediu auxílio ao rei português, já que o avanço de Abde Almelique, protegido do Grão-Turco Selim II, ameaçava alargar à Berberia a hegemonia do Turco. Esta situação de risco para a Península Ibérica veio fortalecer os intuitos do monarca português, em relação à sua entrada em África, em prol do interesse nacional. (cf. Ameal, 1968: 317).

O rei Filipe II de Espanha, tio de D. Sebastião, não lhe concedeu o auxílio solicitado para a expedição, por não concordar com esta iniciativa. O monarca português “inventou dinheiro e soldados por vontade ou à força” (Botelho, 2001). O recrutamento em Portugal foi forçado, sendo o corpo de combate formado maioritariamente por populares impreparados e por alguns mercenários estrangeiros: alemães, espanhóis e italianos. Em Alcácer-Quibir, a 4 de Agosto de 1578, o exército de D. Sebastião, esfomeado, estafado e dirigido por um rei incapaz e sonhador, foi derrotado por Mulei Almelique. Entre os mortos, figurava o próprio rei. (cf. Serrão, 1975: 510 – 518).

Três monarcas morreram nesta batalha: D. Sebastião, Mulei Mohamede e Mulei Almelique. “Daí o nome da batalha dos três reis, que frequentemente se dá a este encontro.” (Serrão, 1975: 80).

Com a perda do jovem monarca em Alcácer-Quibir, não tendo este deixado herdeiros, Portugal entrou num dos períodos mais negros da sua História. O País ficou endividado e foi anexado à Espanha em 1580, perdendo a sua independência. Dada a impossibilidade de identificação do cadáver, surge a “crença de que D. Sebastião não

morrera em Alcácer-Quibir e voltaria em breve para reclamar o trono que lhe pertencia.” (Marques, 1976: 430). Apesar da demora em aparecer, “o boato ganhou mais e mais verosimilhança.” (Marques, 1976: 431).

Irrompe, então, o mito sebastianista, consubstanciado na crença nacional do regresso de D. Sebastião, numa manhã de nevoeiro, para salvar Portugal, libertando-o da opressão, sofrimento e miséria em que se encontrava.

Podemos considerar no sebastianismo dois aspectos: a esperança na vinda de um rei predestinado e os desejos que ele havia de concretizar. “Estes existiam já antes de aparecer o predestinado e foi seu primeiro intérprete Gonçalo Anes, o Bandarra, sapateiro de Trancoso, nas *Trovas*, que são o evangelho do Sebastianismo.” (Azevedo, 1974: 8 – 9). Baseado na interpretação dos textos da Bíblia, Bandarra escreveu as “trovas proféticas, pejadas de reminiscências bíblicas” (Azevedo, 1974: 12), onde era vaticinada “a vinda de um rei encoberto, redentor da humanidade” (Marques, 1973: 431).

O enraizamento profundo deste mito ao longo dos tempos permite-nos constatar que está integrado no carácter nacional e que faz parte da alma portuguesa. (cf. Azevedo, 1974: 7 – 8).

### 3- “Frei Luís de Sousa”: representação endógena do mito sebastianista culturalmente estabilizada

Tomaremos, como objecto de análise, a obra dramática “Frei Luís de Sousa”, de Almeida Garrett, não só por nela estar bem presente o mito sebastianista, mas também por considerarmos que a mesma espelha uma representação endógena, culturalmente estabilizada, deste mito. Este drama aborda uma autêntica catástrofe que se abateu sobre a vida de uma família nobre do final do século XVI. O *fatum* é representado na figura de D. João de Portugal, um nobre desaparecido em 1578, na batalha de Alcácer-Quibir, por coincidência, a mesma em que o rei D. Sebastião perdeu a vida. É de salientar que a morte deste nobre nunca foi provada, situação análoga à de D. Sebastião. Decorrida uma longa e infrutífera espera de 7 anos, a mulher de D. João de Portugal, D. Madalena, desafiando o destino, casara-se com D. Manuel de Sousa Coutinho, português inconformado com o domínio espanhol que se vivia na altura em Portugal. Deste casamento nasceu uma filha, D. Maria de Noronha, uma jovem muito especial, débil, mas muito culta e inteligente. Telmo Pais, o dedicado aio e escudeiro, afeiçoara-se a esta criança, proclamando, contudo, a sua fidelidade ao amo (D. João) cuja morte se recusara a reconhecer. Quando o desaparecido surgiu, inesperadamente, num dia fatídico, com o hábito de romeiro, só Telmo o reconheceu. Apercebendo-se da nova situação, D. João decidiu desaparecer. No entanto, o novo casal, desfeito, recolheu ao convento. Maria, revoltada com a situação e uma sociedade castigadora, morreu de desgosto.

Emerge, deste texto dramático, uma marcante simbologia associada ao sebastianismo. Ressalta, desde logo, o paralelismo entre o desaparecimento de D. João e o de D. Sebastião, ocorrido na mesma batalha. Logo na cena II do primeiro acto, D. Madalena censura o velho aio pelas suas credices sebásticas: “... mas as tuas profecias misteriosas, as tuas alusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu desgraçado povo ainda não quis acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade – esses contínuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está iminente sobre a nossa família...” (Garrett, s/d: 52). Na cena III, as crenças sebastianistas encontram eco na fala de D. Maria que, para aflição da mãe, acredita no regresso do monarca: “... é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de vir um dia de névoa muito cerrada...” (Garrett,s/d: 55). Contrariando este raciocínio, a mãe argumenta que “O povo, coitado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.” (Garrett,s/d: 55). Convicta das suas ideias, a jovem contra-argumenta: “Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma coisa há-de ser.” (Garrett,s/d: 55).

Em diálogo com Telmo Pais, Maria, no segundo acto da cena I, designando o retrato de D. Sebastião, comenta: “... é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! (...) E pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela boca!... Não pode ser, não pode ser. Deus não podia consentir em tal.” (Garrett,s/d:77). E, prossequindo, alude às profecias do Bandarra: “Pois não há profecias que o dizem? Há e eu creio nelas.” (Garrett,s/d:78).

A esperança no regresso de D. Sebastião é simbolicamente sustentada, neste texto, pelas personagens: Telmo e Maria e a possibilidade do seu regresso está metaforizada no aparecimento do Romeiro. É de salientar que a vinda do Romeiro não traduz concretização de sonhos, felicidade, mas é sinónimo de desgraças e tragédias. O mito sebástico reveste-se, aqui, de um carácter negativo, sendo sinónimo de paragem no tempo. Note-se que o regresso do (falso) D. Sebastião, na figura de D. João, implica a alteração do rumo da história e aniquilamento. (cf. Martins, 1991: 296). “Quem responde pela boca de D. João (de Portugal...), definindo-se como *ninguém*, não é um mero marido ressuscitado fora da estação, é a própria pátria.” (Lourenço, 2005: 86)

O incêndio da casa de D. Manuel de Sousa, para além de um acto de patriotismo, também sugere a busca desesperada de um novo espaço e mesmo de uma nova ordem para uma família perseguida pelo espectro do passado, que representa uma nação assombrada por mitos, sonhos e utopias. Neste entendimento, D. Maria de Noronha pode representar “o sacrificio necessário para exorcizar os fantasmas do passado e definir o futuro de Portugal.” (cf. Martins, 1999: 297) . Refira-se, a este propósito, que Eduardo Lourenço salienta que “O Drama de Garrett é fundamentalmente a teatralização de *Portugal como povo que só já tem ser imaginário* (ou mesmo fantasmagórico) – realidade indecisa, incerta do seu perfil e lugar na história, objectos de saudades impotentes ou *pressentimentos trágicos*.” (Lourenço, 2005: 86).

Várias obras têm revisitado este mito ao longo dos tempos e surgem diversos exemplos disso na literatura contemporânea, evidenciando que o mito não está morto.

Apesar de alguns momentos de letargia em que períodos relativamente estabilizados da nossa história o mergulham, logo que se problematiza o destino de Portugal e surgem momentos de crise, o sebastianismo ressuscita, mais ou menos metamorfoseado, mas revelando-se um pólo estruturante e congregador do imaginário colectivo.

A literatura contemporânea fornece nítidos exemplos desta asserção, podendo referir-se, ao acaso, algumas obras: “As Naus” (1988), de Lobo Antunes, “Jornada de África” (1989), de Manuel Alegre, “O Conquistador” (1990), de Almeida Faria, “A Ponte dos Suspiros” (2009), de Fernando Campos, entre outras. De formas variadas, que vão da ironia na espera de D. Sebastião, “de coroa na cabeça e beiços amuados, vindo de Alcácer Quibir com pulseiras de cobre trabalhado dos ciganos de Carcavelos e colares baratos de Tânger ao pescoço...” (Antunes, 2006: 190), em “As Naus”, a “uma paródia do mito sebástico” (Lima, 1997: 261), alicerçada no fantástico, no bizarro, no absurdo, em “O Conquistador”, à frontal denúncia de erros repetidos na História, alimentados por revivências de sonhos sebastianistas, que, segundo Campos, matam a pátria: “Enterrou-a a loucura de um rei que levou o reino a fazer a guerra de África...” (Campos, 2009: 130), em “A Ponte dos Suspiros”, o mito sebástico marca a sua presença, emergindo, de todas estas abordagens, o desencanto da espera messiânica, o entorpecimento de um povo que se deixou comodamente aprisionar por esta crença perspectivada como sinal de paragem no tempo, de estagnação, de auto-questionamento de uma nação que busca a sua identidade e não a encontra. “Que somos nós?” (Campos, 2009: 131). Deste modo, podemos considerar o drama “Frei Luís de Sousa” como uma representação do mito culturalmente estabilizada.

Apesar destas constatações tão consentâneas na interpretação negativa do sebastianismo, sugerindo-o como origem da nossa decadência, o mito permanece como se alimentado por uma relação doentia de amor-ódio, algo que não se desenraíza da consciência de um povo.

#### 4- “Dez Mil Guitarras”: uma visão exógena – um discurso pós moderno

Concentrar-nos-emos, agora, no romance “Dez Mil Guitarras”, de Catherine Clément, escritora, filósofa e romancista francesa. Pesaram na escolha desta obra: o facto de ser recente e de nos facultar um olhar externo, proporcionando-nos uma visão simultaneamente exógena e pós-moderna do mito.

Catherine Clément, através da voz de um rinoceronte oferecido a D. Sebastião pelo vice-rei da Índia, conta-nos a vida deste monarca, inserido numa galeria de retratos de uma Europa em mutação. Para a matéria deste romance, a autora, segundo afirma, recolheu dados em diversos países. Salientou, como fontes de referências: o livro sobre a Batalha dos Três Reis, “Fables de la Mémoire”, de Lucette Valensi, “Le Bestiaire de Rodolph II”, publicado pelas Éditions Mazonod, em 1990, *Praga magica*, de Angelo Ripellino, obras portuguesas variadas e a visita ao campo de batalha de Alcácer-Quibir.

No tocante ao título, Clément, numa entrevista concedida a João Silva, estabelece a ligação com uma crónica marroquina, que dizia terem ficado dez mil guitarras no chão



da batalha de Alcácer-Quibir, o número de elementos do corpo expedicionário português. (Clément, 2010)

No atinente aos factos históricos, vários são os pontos comuns entre esta obra e as de autores portugueses anteriormente referidos. Destacaremos alguns. Cathérine Clément apresenta-nos um D. Sebastião fisicamente débil, com suspeitas de “uma impossibilidade física” (Clément, 2010: 39) e “obcecado por uma cruzada, escolhendo o inimigo e inventando pretextos para ir ao deserto vencer o muçulmano.” (Clément, 2010: 21). Instigado por esta obsessão, aliou-se a Moulay Mohammed, sultão deposto por seu tio Abdelmalik, conhecido por “o Maluco”, para reconquistarem Marrocos (cf. Clément, 2010: 35). O rei Filipe II de Espanha, tio do Monarca português, não apoiava a cruzada ( cf. Clément, 2010: 45). Os conselheiros consideravam-no louco e achavam que a expedição para África seria uma tragédia, mas não conseguiam dissuadi-lo (cf. Clément, 2010: 108 – 109). Como podemos constatar, estes aspectos coincidem com as versões de autores portugueses já mencionadas.

A 4 de Agosto de 1578, deu-se a sangrenta batalha. O exército de Abdelmalik saiu vencedor. Entre os milhares de mortos, encontraram-se os corpos de “Maluco”, de Moulay Mohammed e um que quase não tinha rosto, mas que afirmaram ser D. Sebastião (cf. Clément, 2010: 130 – 136). A Portugal chegou a notícia que se perdera a batalha em África, mas que o rei não morrerá. O indivíduo identificado, juravam soldados portugueses, usava uma armadura que não era a dele (cf. Clément, 2010: 140). Em Abril de 1581, o rei Filipe de Espanha foi proclamado rei de Portugal, sob o nome de Filipe I (cf. Clément, 2010: 146). Estes factos referidos por Clément em “Dez Mil Guitarras” correspondem às descrições internas.

E é o olhar do Outro, um olhar externo, que vamos procurar descobrir nesta obra, cientes de que uma das maneiras de aceder ao Outro é através da Literatura e convictos de que uma visão globalizante só é possível a partir de fora.

## 5- “Frei Luís de Sousa” e “Dez Mil Guitarras”: convergências e divergências na representação do Outro

No âmbito do mito, é possível descobrir algumas convergências entre as duas obras em análise.

De acordo com Catherine Clément, os rumores de que D. Sebastião estava vivo continuavam. “Dois oficiais juravam que um jovem desconhecido recebera tratamento num mosteiro a escassas léguas de Lisboa, que ocultava o rosto com um pedaço de tafetá branco e que tinha um ombro mais alto que o outro. Era forçosamente ele, era o *Desejado*. Ferido, desfigurado, porventura mutilado, mas vivo. O povo chamava-lhe o *Encoberto*.” (Clément, 2010: 150). “Este ter-se-ia refugiado numa ilha coberta por nevoeiro, motivo pelo qual não se via. Um dia emergiria da bruma e apareceria.” (Clément, 2010: 316). Referências a estes rumores podem ser encontradas em “Frei Luís de Sousa”.

Entretanto, o xeque continuava a insistir com D. Sebastião para que este regressasse a Portugal, pois os portugueses esperavam-no. Havia um sapateiro, o Bandarra das trovas, que profetizava o seu regresso. D. Sebastião recusava, convicto de que não o reconheceriam e ele não teria como provar a sua identidade. Além do mais “Quem, na Europa, apoiaria o regresso dum velho rei enfermo?” (Clément, 2010: 261).

Alusões às trovas do Bandarra estão também explícitas em “Frei Luís de Sousa”, como já destacámos anteriormente.

Feito um levantamento de pontos de contacto entre versões internas e externas, passamos a destacar os pontos divergentes e que têm uma forte repercussão na representação do Outro – Árabe/Marrocos.

Segundo Catherine Clément, depois de se aliar a Mohammed, D. Sebastião confidenciou ao bada (rinoceronte oferecido pelo vice-rei da Índia) um encontro secreto com uma jovem do Islão, filha de “Maluco”. Prometera ao seu pai restituir-lhe o trono em troca da mão da sua filha. Queria formar outro império, em África, ter filhos. “Nascidos da primeira união entre um rei cristão e uma jovem do Islão!” (Clément, 2010: 59). Esta versão colide com a ideia de homossexualidade que lhe é atribuída pela visão interna.

De acordo com a mesma autora, em cartas dirigidas ao rei de Espanha, frei Simão Gomes comunicava-lhe as suas preocupações devido ao relacionamento de uma jovem muçulmana, a princesa Jasmine, com o rei D. Sebastião. Constava que a filha de Mohammed era detentora de forte personalidade, pois, sendo coxa, não tinha futuro. (cf. Clément, 2010: 70). E, assim sendo, a expedição a África assumiria outros contornos. “Já não se trataria de conquistar Marrocos, mas de salvar o trono do pai da donzela.” (Clément, 2010: 70 – 71). Parece-nos assaz insinuante não só uma perspectiva de aproximação entre o português e o outro/árabe como também um outro motivo subjacente à invasão de Marrocos, bem diferente do apresentado pela visão interna.

“Dez Mil Guitarras” retrata-nos um jovem rei que sonhava ter uma casa em Marrocos onde viveria com a sua princesa, que lhe daria filhos, os primeiros de uma dinastia que poria cobro às guerras. Acreditava que os portugueses seriam muito felizes em Marrocos e que ajudariam os marroquinos nas plantações. Frei Simão advertia-o que o Islão estaria sempre separado de Portugal. (cf. Clément, 2010: 75 – 76).

A 22 de Junho de 1578, partiram para a cruzada “15 mil e quinhentos soldados que falavam alemão, italiano, francês, espanhol e, sobretudo, português.” (Clément, 2010: 122), salientando-se que “Cada soldado português levava uma guitarra, uma mulher da vida, os seus ouropéis e os seus segredos.” (Clément, 2010: 122). Esta descrição, longe de retratar um ambiente de pré-combate, de preocupação, de responsabilidade, sugere, antes, a falta de preparação e a utopia com que foi encarada esta expedição. Este ambiente quimérico, patético, não corresponde à concepção de um rei dedicado à pátria que “tomou a sério o cargo de reinar e jurou que há-de engrandecer e cobrir de glória o seu reino!” (Garrett, s/d:77), como é dito por Maria em “Frei Luís de Sousa”.

No fim da batalha, Jasmine levou D. Sebastião, que se encontrava num estado lastimoso, ao xeque Tidjane Abdallah, um eremita com reputados dotes de curandeiro. (cf. Clément, 2010: 140). Apesar da gravidade do seu estado, o xeque conseguiu curá-lo

e o monarca português convalescia lentamente, com um braço amputado e o rosto desfigurado. A seu lado estava Jasmine. Ela coxa e ele maneta. (cf. Clément, 2010: 147 - 148). Adivinha-se, aqui, a consolidação de uma ligação português/árabe, mesmo para além das motivações iniciais.

O xeque incentivava D. Sebastião a regressar à pátria, pois já vários impostores se tinham feito passar por ele, mas o rei recusava, alegando que o povo não aceitaria um rei maneta, com uma máscara de cabedal no sítio do nariz. Além do mais, não queria perder Jasmine. (cf. Clément, 2010: 167).

Um dia, no eremitério, Jasmine recebeu o baptismo e um monge católico “uniu perante o Deus dos Cristãos o jovem rei enfermo e a princesa Jasmine.” ( Clément, 2010: 168). O casal teve vários filhos: Marianne, Issa, Yussuf, Nour, Moussa e o último, Luís, em homenagem a Camões. (cf. Clément, 2010: 186 - 292). A mais velha, Mariane, casou com Francisco de Villarte, um cristão de Alá, que aparecera no eremitério e que tinha sido “pajem no serviço nocturno, na tenda do rei”. ( Clément, 2010: 237). Desapertava todas as noites a armadura a D. Sebastião. Francisco construíra, no eremitério, uma minúscula capela onde, às vezes, alguns monges iam discretamente celebrar missa. (cf. Clément, 2010: 292). É de salientar que a ligação abandona o carácter pessoal (D. Sebastião – Jasmine) para passar a matizar uma comunidade, através do casamento de Mariane com Francisco de Villarte, do nascimento de filhos e netos, que irão entrelaçar estes dois povos, as duas religiões, numa perspectiva unificadora. Ora esta visão unificadora projectada por uma lente externa contrasta com a oposição bem delimitada entre o lado português e o lado marroquino, projectada por uma lente interna.

E Francisco sonhava partir, um dia. “Marianne sonhava conhecer o país do pai. O xeque não queria assistir a essa mudança. Amava demasiado Marianne, a menina do seu coração.”(Clément, 2010: 292).

Quando o xeque morreu, já D. Sebastião tratava dos doentes. “Os habitantes da região iam visitar o velho xeque e o filho, ferido na Batalha dos Três Reis. Para não o confundirem com o seu predecessor, chamaram ao filho do falecido “xeque de olhos azuis” ou “xeque de máscara” (Clément, 2010: 315). Note-se que D. Sebastião sucede ao xeque, mas tal era a indistinção entre ambos, ou entre funções, ou entre povos, ou entre religiões, tal era a porosidade da mescla que havia necessidade de apelar a uma característica “xeque de olhos azuis” ou “xeque de máscara”, para fazer emergir a identidade.

O povo português continuava à espera que o rei, refugiado numa ilha coberta por nevoeiro, emergisse, um dia, da bruma.

E Jasmine repetia vezes sem conta ao marido: “- Não podes conservar eternamente esse segredo.” (Clément, 2010: 316). Este conselho de Jasmine apresenta-se-nos de particular relevância. Não estará plasmada na fala de Jasmine a voz do Outro externo que aconselha ao Outro interno o desvendar do segredo, isto é, a desconstrução do mito?

## 6- Uma leitura do Outro no discurso identitário pós-moderno

Da análise comparativa entre as duas obras (“Frei Luís de Sousa” e “Dez Mil Guitarras”), ressalta uma acentuada divergência na representação do Outro – Árabe. Enquanto que uma visão interna diaboliza o outro, isolando-o no campo inimigo, um olhar externo, aproxima-o, integra-o, fundindo dois “mundos” num cenário de globalização, fruto de uma postura de apreciação, de interpretação do Outro, orientada pela ética e pela estética.

Em “Dez Mil Guitarras”, há uma espécie de revisão multiculturalista do mito sebastianista, o Outro é integrado, D. Sebastião é encarado não como um rei dedicado à sua pátria, à dilatação do império, mas como um sonhador inconsciente. Julgamos possível descodificar nesta representação do monarca alguns indícios de uma mentalidade embrionariamente integradora. Não se pretende nesta abordagem casar um rei cristão com uma jovem muçulmana? Não se idealiza a integração de portugueses e marroquinos?

Somos também de opinião que o título “Dez Mil Guitarras” sublinha, de maneira evidente, o carácter utópico da cruzada, a loucura onírica, a impreparação para uma expedição que exigia uma rigorosa e empenhada preparação e intervenção. Torna-se inquestionável o facto de a acção guerreira não ter sido encarada com a seriedade merecida por parte do monarca português. O que faziam dez mil guitarras num campo de batalha?!

O narrador, o rinoceronte que nos vai contando todos os acontecimentos, funciona como a voz de algo inconsciente, reforçando o registo do mítico, do fantástico e, simultaneamente, estimula a desconstrução do mito, apontando, mesmo, para a necessidade da sua “morte”.

Emerge, ainda, a ideia de que somos alvo dos olhares da Europa, opinião corroborada por Catherine Clément quando, em entrevista concedida a Marques, afirma que “toda a história da personalidade do rei Sebastião é um grande facto histórico em si mesmo” e que “as consequências da sua desapareição se tornam um facto histórico em quase toda a Europa” (Marques, 2010). Esta noção assume particular relevância, considerando a importância do espelho que o Outro constitui em nós e o seu eco na reconstrução do nosso discurso identitário.

Parece-nos, pois, que só uma visão simultaneamente endógena e exógena e pós-moderna permite uma leitura multiculturalista do Sebastianismo, uma leitura do Outro desta forma integradora e globalizante.

---

(Lídia Maria Caiado Batista Valadares)

28 de Janeiro de 2011

Bibliografia

AMEAL, A. H. de Oliveira (1973): *História de Portugal*, volume I. Lisboa: Edições Ágora

ANTUNES, António Lobo (1988) (6ª edição) *As Naus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

AZEVEDO, J. Lúcio de (1974) (2ª edição): *A Evolução do Sebastianismo*. Livraria Clássica Editora

BAPTISTA, Maria Manuel (2003): “O Outro, globalmente o Mesmo” in *Nacinalismo e globalización: língua, cultura e identidade*, LÓPEZ, Ana Bringas, LUCAS, Belén Martin (eds). Vigo: Manuais da Universidade de Vigo, pp. 213 – 219

BAPTISTA, Maria Manuel (2006): “A Criação do Outro na Cultura Pós-Moderna”: JORGE, Vitor Oliveira (coord.), *Cultura Light*. Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto – DCTP, pp. 235 – 243, ISBN: 972 – 9350 – 83 -3

BAPTISTA, Maria Manuel (2010): “Identidade e Poder” (texto não publicado)

BOTELHO, João (2003): “Quem és tu?”. *Mostra Internazionale D’Arte Cinematográfica*, Venezia 58: Lusomundo.

CAMPOS, Fernando (2009) (4ª edição): *A Ponte dos Suspiros*. Viseu: DIFEL

CLÉMENT, Catherine (2010) (1ª edição): *Dez Mil Guitarras*. Porto: Porto Editora

FERREIRA, João (2010) (1ª edição): *Histórias Rocambolescas de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros

GARRETT, Almeida (s/d) (4ª edição): *Frei Luís de Sousa*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses

LIMA, Isabel Pires de Lima (1997): “O Regresso de D. Sebastião – Narrativa e Mito na Ficção Portuguesa Contemporânea” in *Revista da Faculdade de Letras “Linguas e Literaturas”*. Porto. pp. 251 - 264

LOURENÇO, Eduardo (2001) (1ª edição): *A Europa Desencantada*. Lisboa. Gradiva

LOURENÇO, Eduardo (2005) (4ª edição): *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Gradiva

LOURENÇO, Eduardo (2007): *O Esplendor do Caos*. Lisboa: Gradiva

LOURO, Sónia (2008) (1ª edição): *A Vida Secreta de D. Sebastião*. Parede: Saída de Emergência

MARQUES, A. H. de Oliveira (1973): *História de Portugal*, volume I. Lisboa: Edições Ágora

MARQUES, A. H. de Oliveira (1976) (6ª edição): *História de Portugal*, volume I. Lisboa: Palas Editores

MARTINS, José Cândido (1999): “Para uma sistematização didáctica das leituras interpretativas do *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett” in *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga. pp. 267 - 303

PERES, Damião (1933): *História de Portugal*, volume V. Porto: Portucalense Editora

SERRÃO, Joel (1975) (dir.): *Dicionário de História de Portugal*, volume V. Porto: Livraria Figueirinhas.

SILVA, João Céu e, (2010) “Afinal D. Sebastião não morreu” (Catherine Clément) [http://www.dn.pt/gente/interior.aspx?content\\_id=1676431&page=-1](http://www.dn.pt/gente/interior.aspx?content_id=1676431&page=-1) (24-01-2011)

MARQUES, Carlos Vaz,(2010) (Catherine Clément) <http://feeds.tsf.pt/Tsf-PessoalTransmissivel>  
(25-01-2011)